

VESTIBULAR 2013.2

REDAÇÃO/LÍNGUA PORTUGUESA

2ª FASE-1º DIA: 16 DE JUNHO DE 2013

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09h00min

TÉRMINO: 13h00min



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra com **letra de forma**, a seguinte frase:

A vida é o que se faz dela.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado do seu cartão-resposta, o número 4, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

GABARITO

4

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS

T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) vestibulando(a),

Nesta segunda fase do exame vestibular da UECE, uma das capacidades que são avaliadas é a de escrita. Para demonstrar essa capacidade, você deve produzir uma redação, ou seja, deve escrever um texto. Considerando que “a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor e leitor) com um certo propósito” (KOCH, 2009. p. 36), apresentamos a você uma situação problema que está em foco atualmente, a seca no Nordeste.

Por se tratar de uma realidade que estamos vivenciando neste momento e que tem sido objeto de discussão pelas diversas camadas da população e pela mídia, em seus diferentes meios, como mostram os três textos ilustrativos abaixo, esperamos que essa temática torne sua escrita mais situada, isto é, proporcione a você a oportunidade de agir como sujeito enquanto escreve sua redação.

Carta à presidente

Cara Dilma,

Seja bem-vinda mais uma vez à nossa terra e desfrute da acolhida sincera e atenciosa do povo cearense, ainda que em um momento de calamidade para nós e para todo o Nordeste. Estamos diante de cenas impensáveis para os dias atuais, típicas do século XVII [...] Já não há levas de retirantes a caminho das cidades, mas ainda se veem facilmente o gado morrendo pelo campo, lavouras inteiras perdidas e comunidades à mercê dos carros-pipa, angustiadas com a perspectiva de dias piores no segundo semestre [...] É preciso reinventar o semiárido e garantir vida plena ao nosso povo [...]

(Trechos adaptados de carta à presidente Dilma – Jornal O Povo – 02.04.2013.)

Comissão geral começa a debater seca nesta semana

O Centro de Estudos e Debates Estratégicos da Câmara encerrou na última terça-feira, 30, série de quatro reuniões preparativas para a comissão geral que vai discutir a seca no Nordeste. O evento vai reunir parlamentares e especialistas na próxima quarta-feira. A ideia é levar para o debate propostas de ações concretas para ajudar a população a conviver com a seca que se repete com frequência na região. A tecnologia transforma países como a Austrália, onde há grandes períodos de estiagem, em produtores agrícolas economicamente viáveis. Há pesquisas desenvolvidas pela Embrapa para aumentar a resistência das culturas agrícolas à seca. “É importante fazer (sic) plantas que sejam resistentes à baixa precipitação pluviométrica. Está sendo feito um estudo pela Embrapa sobre o café, a soja, o feijão, o arroz, o trigo, o algodão e tantos outros produtos que podem trazer rentabilidade”.

(Jornal O Povo – 05.05.2013 – Texto adaptado)

AQUARELA NORDESTINA ROSIL CAVALCANTI

No Nordeste imenso
Quando o sol calcina a terra
Não se vê uma folha verde
Na baixa ou na serra
Juriti não suspira
O lambu seu canto encerra
Não se vê uma folha verde
Na baixa ou na serra

Acauã bem do alto
Do pau-ferro canta forte
Como que reclamando
Sua falta de sorte
Asa Branca sedenta
E vai chegando na bebida
Não tem água, a lagoa
Já está ressequida
E o sol vai queimando
Brejo, sertão, Cariri e Agreste
Ai, ai Meu Deus!!!
Tenha pena do Nordeste

Ai, ai Meu Deus!!!
Ai, ai Meu Deus!!!

Instrução 1

Partindo de seu próprio conhecimento sobre a seca e utilizando os subsídios oferecidos pelos textos ilustrativos, escreva uma carta ao Centro de Estudos e Debates Estratégicos da Câmara dos Deputados, posicionando-se sobre o fato de, em pleno 2013, ainda se registrarem calamidades decorrentes da seca, que é um fenômeno climático característico da Região. Apresente argumentos que justifiquem seu posicionamento e proponha soluções que possam ser viáveis para minimizar o problema.

Instrução 2

Imagine uma comunidade da região Nordeste que, a partir de pesquisas e experiências positivas em outras localidades, vence todos os obstáculos provenientes do tipo de solo e de clima e consegue sobreviver satisfatoriamente. Crie os personagens e as ações que tornaram possível essa experiência positiva e conte essa história.

PROVA II - LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

O texto 1 desta prova é da autoria do intelectual cearense Gustavo Barroso, que nasceu em Fortaleza, no ano de 1888 e morreu no Rio de Janeiro, em 1959. Professor, jornalista, ensaísta, romancista, foi membro da Academia Brasileira de Letras. A obra *À margem da história do Ceará*, em dois volumes, foi seu último trabalho. É uma reunião de setenta e seis artigos e crônicas que falam exclusivamente sobre a história do Ceará entre 1608 e 1959. O texto transcrito abaixo foi extraído do segundo volume e, como vocês poderão ver, é um artigo sobre a obra do também cearense Manuel de Oliveira Paiva, *Dona Guidinha do Poço*. Servindo-se de uma pesquisa feita pelo historiador Ismael Pordeus, Gustavo Barroso fala do romance de Oliveira Paiva, mais especificamente, das relações entre essa obra literária e a verdade histórica que ela transfigura.

A verdadeira D. Guidinha do Poço

1 Na última década do século passado,
2 entre os tipos populares da cidade de
3 Fortaleza, capital do Ceará, minha terra
4 natal, andava uma velha desgrenhada,
5 farrapenta e suja, que a molecada perseguia
6 com chufas, a que ela replicava com os
7 piores doestos deste mundo. Via-a muitas
8 vezes na minha meninice, ruas abaixo e
9 acima, carregando uma sacola cheia de
10 trapos, enfurecida, quando os garotos
11 gritavam: — Olha a mulher que matou o
12 marido! A gente adulta chamava-lhe a velha
13 Lessa. Tinha terminado de cumprir sua pena
14 na cadeia pública e andava assim de léu em
15 léu, sem teto e sem destino, como um resto
16 de naufrágio açoitado pelo mar. Sua figura
17 acurvada e encanecida me impressionava,
18 mas naquele descuidoso tempo longe estava
19 eu de supor que contemplava na mendiga
20 semitrôpega a figura central duma tragédia
21 real e dum romance destinado a certa
22 celebridade literária.
23 O romance é *D. Guidinha do Poço*, de
24 Manuel de Oliveira Paiva, escritor cearense
25 nascido em 1861 e falecido em 1892.
26 O que até recentemente se não sabia
27 sobre este livro notável é que não passa de
28 uma história romanceada com a maior
29 fidelidade possível aos elementos humanos,
30 sociais e paisagísticos da realidade. Segundo
31 o historiador Ismael Pordeus, o romance
32 narra simplesmente, com nomes e
33 topônimos diversos, o crime cometido pela
34 velha Lessa a mulher que matou o marido da
35 molecada fortalezense de há mais de meio
36 século (sic).
37 O marido, o coronel Domingos Vítor de
38 Abreu e Vasconcelos, pacato e respeitável,
39 verificando que sua mulher andava de

40 amores com um sobrinho pernambucano,
41 Senhorinho Antônio Pereira da Costa, sem
42 bulha nem matinada, dela se afastou,
43 deixando-a na fazenda onde coabitavam e
44 passando a residir na então vila de
45 Quixeramobim. Vivía, no entanto, tão
46 desassossegado, receando qualquer atentado
47 por parte da esposa, cujo caráter conhecia,
48 que pedira garantias de vida às autoridades
49 e andava pelas ruas sob a guarda do
50 destacamento policial. Mas, certa manhã, ao
51 receber em casa seu afilhado e agregado
52 Curumbé, que lhe vinha pedir a bênção, este
53 o apunhalou.
54 O criminoso foi detido por dois homens, já
55 à saída da vila na Rua do Velame. Confessou
56 ter atuado por ordem de D. Maria Francisca
57 de Paula Lessa, a D. Marica, que o delegado
58 no mesmo dia foi buscar na fazenda
59 Canafístula e trancafiou na cadeia, no andar
60 térreo da Câmara Municipal. Mulher rica e
61 mandona, estava certa de desafiar a justiça
62 e obter rapidamente a liberdade. Todavia
63 saiu-lhe o trunfo às avessas. Condenada a
64 30 anos de prisão, terminou “seus últimos
65 anos de vida na mais extrema miséria,
66 implorando a caridade pública nas ruas de
67 Fortaleza. Circunstância especial: conservou
68 sempre como residência, mesmo depois de
69 cumprida a pena, a cela em que estivera
70 reclusa na cadeia da capital. Jamais quis
71 tornar a Quixeramobim: orgulho ou
72 remorso?”

Gustavo Barroso. *À margem da história do Ceará*. v. 2, 3 ed. p. 347-350. Texto adaptado.

01. Examine o enunciado transcrito e o que se diz sobre ele: “[*D. Guidinha do Poço*] não passa de uma **história** romanceada com a maior fidelidade possível aos elementos humanos, sociais e paisagísticos da realidade” (linhas 27-30).

- I. O vocábulo “história” tem, no contexto do enunciado, a acepção de sequência de ações e de acontecimentos fictícios.
- II. Por esse enunciado pode-se concluir que a obra é de cunho realista.
- III. *D. Guidinha do Poço* é uma obra que se destaca, principalmente, pela invenção, pelos elementos ficcionais.

Está correto o que se afirma apenas em

- A) II.
- B) I e II.
- C) I e III.
- D) III.

02. Atente ao que se diz sobre o primeiro parágrafo do texto (linhas 1 a 22).

- I. O enunciador apresenta reminiscências da infância, as quais têm relação com o tema a ser desenvolvido no texto.
- II. Nas reminiscências do enunciador, aparece uma figura folclórica que não terá nenhuma importância para o intelectual do futuro.
- III. O enunciador, quando criança, não tinha consciência de que aquela figura miserável que andava pelas ruas da cidade poderia um dia interessar-lhe.

Está correto o que se diz apenas em

- A) I e III.
- B) I.
- C) II.
- D) II e III.

03. Observe o contexto que vai da linha 1 à linha 7 e marque a alternativa em que o enunciado, depois da substituição dos vocábulos em negrito, conserva o significado e as conotações que tem no texto: "**andava** uma **velha desgrenhada**, **farrapenta** e **suja**, que a **molecada** perseguia com **chufas**, a que ela **replicava** com os piores **doestos** deste mundo".

- A) passeava uma senhora de pé no chão, farrapenta e suja, que as crianças perseguiram com gritos, a que ela protestava com os piores palavrões deste mundo.
- B) vagueava uma mulher de idade avançada de cabelos em desalinho, maltrapilha e suja, que os meninos soltos pelas ruas perseguiram com caçadas, a que ela dava o troco com os piores insultos deste mundo.
- C) caminhava uma anciã desarrumada, mal vestida e suja, que os meninos mal educados chateavam com mentiras, a que ela repudiava com os piores gritos deste mundo.
- D) deslocava-se uma idosa desrespeitada, molambenta e suja, que os meninos de rua repudiavam com piadas, a que ela respondia com os piores palavrões deste mundo.

04. Relacionando o texto como um todo ao que é dito no primeiro parágrafo, assinale a afirmação correta.

- A) A partir das pesquisas de um historiador, o enunciador do texto conseguiu relacionar a "*velha desgrenhada, farrapenta e suja*", de sua infância, à personagem de ficção D. Guidinha do Poço e à mulher real, ou ser empírico, conhecida como D. Marica.
- B) A partir das pesquisas de um historiador, o enunciador do texto conseguiu relacionar a "*velha desgrenhada, farrapenta e suja*", de sua infância, a D. Guidinha do Poço, uma mulher real ou um ser empírico, e a D. Marica.
- C) A partir de sua própria investigação, o enunciador do texto conseguiu relacionar a "*velha desgrenhada, farrapenta e suja*", de sua infância, à personagem de ficção D. Guidinha do Poço e à mulher real, ou ser empírico, conhecida como D. Marica.
- D) A partir de sua própria investigação, o enunciador do texto conseguiu relacionar a "*velha desgrenhada, farrapenta e suja*", de sua infância, a D. Guidinha do Poço, personagem de ficção ou ser empírico, e a D. Marica, ser empírico ou real.

05. Leia o enunciado seguinte e atente ao que é dito sobre ele: "*Tinha terminado de cumprir sua pena na cadeia pública e andava assim de léu em léu, sem teto e sem destino, como um resto de naufrágio açoitado pelo mar*" (linhas 13-16).

- I. As expressões "*andava assim de léu em léu*", "*sem teto e sem destino*" e "*como um resto de naufrágio açoitado pelo mar*" são de certa forma redundantes, mas formam uma gradação cujo clímax dá ênfase ao estado em que se encontra Lessa.
- II. Há, no enunciado, uma metáfora que aproxima a velha Lessa dos destroços de um naufrágio.
- III. A comparação do enunciado reúne em si as duas expressões anteriores e enfatiza a situação de abandono e a falta de perspectiva em que vive a velha Lessa.

Está correto o que se diz somente em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) III.

06. O primeiro parágrafo do texto explora a técnica descritiva porque se centraliza

- A) no fato.
- B) na argumentação.
- C) nos elementos caracterizadores.
- D) na troca de turno de fala.

07. Escolha, dentre as opções abaixo, a única cujo provérbio tem o mesmo sentido do provérbio do texto: "*saiu-lhe o trunfo às avessas*" (linha 63).

- A) O tiro saiu pela culatra.
- B) Onde se come ficam migalhas.
- C) Um dia é da caça o outro é do caçador.
- D) A montanha pariu um rato.

08. Atente para as aspas que marcam os enunciados entre as linhas 64 e 72 e o que se diz sobre elas.

- I. Expressam que o direito de falar é concedido a outro enunciador que não aquele que até o momento tinha a palavra.
- II. Como não remetem a um sujeito preciso, somente asseguram que o enunciado não é mais do enunciador que antes tinha a palavra, o qual se exime das responsabilidades sobre o dito.
- III. Indicam que o que é dito pelo segundo enunciador é paradoxal, está à margem da opinião comum.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e III somente.
- C) II e III somente.
- D) I e II somente.

09. Reflita sobre os enunciados transcritos e o que se diz sobre eles.

- I. "*estava eu de supor que contemplava na mendiga semitrôpega a figura central duma tragédia real e dum romance destinado a certa celebridade literária*" (linhas 18-22). A construção sintática "*estava eu de supor*" não é comum no português brasileiro contemporâneo. Atualmente, evitaríamos esse torneio sintático e o reduziríamos: (*Eu*) *estava supondo* ou (*Eu*) *supunha*.

II. "*O que até recentemente se não sabia sobre este livro notável é que não passa de uma história romanceada com a maior fidelidade possível aos elementos humanos, sociais e paisagísticos da realidade.*" (linhas 26-30) A posição do pronome oblíquo átono em "*até recentemente se não sabia sobre este livro notável*" recebe o nome de apóssíncise e está em desuso no português brasileiro contemporâneo. Nesse caso, se usaria a próclise: *até recentemente não se sabia sobre este livro notável*.

III. "*Sua figura acurvada e encanecida me impressionava*" (linhas 16-17); "*sem bulha nem matinada, dela se afastou*" (linhas 41-42). Nesses casos, o enunciador emprega a próclise. No português do Brasil, atualmente, há preferência pela ênclise, assim sendo, hoje, esses enunciados teriam a seguinte estrutura: *Sua figura acurvada e encanecida impressionava-me; sem bulha nem matinada, dela afastou-se*.

Está correto o que se diz em

- A) II somente.
- B) III somente.
- C) I, II e III.
- D) I e II somente.

10. Observe o que se diz sobre o período seguinte: "*Na última década do século passado, entre os tipos populares da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, minha terra natal, andava uma velha desgrehada, farrapenta e suja, que a molecada perseguia com chufas, a que ela replicava com os piores doestos deste mundo.*" (linhas 1-7).

- I. A preposição "entre", em "*entre os tipos populares de Fortaleza*", poderia ser substituída por "em meio a".
- II. Em "*capital do Ceará, minha terra natal*", há dois apostos. Podemos entender que os dois explicitam "cidade de Fortaleza", ou que o segundo explicita "capital do Ceará". No segundo caso, teremos um aposto dentro de outro aposto.
- III. Dentro do contexto, poderíamos substituir o artigo indefinido **uma**, em "*uma velha desgrehada*", pelo artigo definido **a**.

Está correto o que se diz em

- A) I e III apenas.
- B) I e II apenas.
- C) II e III apenas.
- D) I, II e III.

11. Considere o seguinte extrato transcrito do texto: *"o romance narra simplesmente, com nomes e topônimos diversos, o crime cometido pela velha Lessa a mulher que matou o marido da molecada fortalezense de há mais de meio século."* (linhas 31-36). O excerto traz uma ambiguidade causada pela construção sintática: *"a mulher que matou o marido da molecada fortalezense de há mais de um século"* (linhas 34-36).

Observe o que se comenta sobre o extrato e assinale a opção **INCORRETA**.

- A) A seguinte construção evitaria a ambiguidade sintática e não mudaria o sentido do texto: *o romance narra simplesmente, com nomes e topônimos diversos, o crime da mulher que matou o marido da velha Lessa, insultada pela molecada fortalezense de há mais de meio século.*
- B) Se considerarmos o excerto somente do ponto de vista sintático, pode-se entender que *"da molecada fortalezense de há mais de um século"* é um determinante de *"marido"*.
- C) Essa ambiguidade sintática pode-se desfazer apelando-se para a semântica, que diz da impossibilidade dessa leitura, uma vez que não se pode atribuir à *"molecada [...]"* um marido.
- D) A seguinte construção eliminaria a ambiguidade sintática sem mudar o sentido do texto: *o romance narra simplesmente, com nomes e topônimos diversos, o homicídio do marido, cometido pela velha Lessa, insultada pela molecada fortalezense de há mais de meio século.*

12. Pondere sobre as relações sintáticas do seguinte período: *"Vivia, no entanto, tão desassossegado, receando qualquer atentado por parte da esposa, cujo caráter conhecia, que pedira garantias de vida às autoridades e andava pelas ruas sob a guarda do destacamento policial"* (linhas 45-50). Escreva **V** para a assertiva verdadeira e **F** para a assertiva falsa.

- () O período, como um todo, relaciona-se com o período anterior, fazendo-lhe restrição ao conteúdo, o que se destaca pelo uso da conjunção *no entanto*. Relaciona-se também com o período posterior, o qual lhe faz oposição explicitada pela conjunção *mas*, que os liga.
- () A oração *"Vivia, no entanto, tão desassossegado"* relaciona-se com o conjunto de orações coordenadas entre si: *"que pedira garantias de vida às autoridades e andava pelas ruas sob a guarda do destacamento policial"*. Essas orações introduzem, em relação à primeira, a ideia de consequência.

- () A oração *"cujo caráter conhecia"* relaciona-se unicamente com a anterior, *"receando qualquer atentado por parte da esposa"*, à qual se liga por meio do pronome relativo *cujo*. Pode, inclusive, ser retirada do enunciado, sem prejuízo de seu conteúdo. Essa retirada, entretanto, enfraquece a enunciação.
- () A oração *"receando qualquer atentado por parte da esposa"*, liga-se, ainda, à primeira oração, *"Vivia, no entanto, tão desassossegado"*, e introduz uma ideia de concessão.
- () A primeira oração, *"Vivia, no entanto, tão desassossegado"* é a oração principal das orações que com ela se relacionam e para ela funcionam como termo sintático. Por outro lado, a oração *"receando qualquer atentado por parte da esposa"* é oração principal para a oração *"cujo caráter conhecia"*, que lhe serve como termo sintático, adjunto adnominal.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) V, F, F, V, F.
- B) F, F, V, F, V.
- C) V, V, V, F, V.
- D) F, V, V, F, V.

Texto 2

A obra *D. Guidinha do Poço* conta a história de D. Margarida Reginaldo de Sousa Barros — conhecida como Guida ou Guidinha —, herdeira do Capitão-Mor Reginaldo Venceslau. Depois da morte do pai, ela se casa com o Major Joaquim Damião de Barros, o Major Quim, dezesseis anos mais velho do que ela. Embora tivessem casa na vila, fixaram residência na fazenda Poço da Moita, herdade de Margarida. Depois de alguns anos de casados, Margarida se apaixona por Secundino, jovem pracião, sobrinho do marido. Quando o Major Quim descobre a traição, pede o divórcio, que Guida não aceita. O Major deixa-a na fazenda e vai morar na casa da Vila. A mulher, então, contrata um capanga de nome Naiú para matar o marido. O caboclo faz o serviço, mas, quando é preso, revela que fora D. Margarida a mandante do homicídio.

O capítulo que você lerá é o último da obra, quando se dá a prisão de D. Guidinha do Poço.

- 73 A diligência do Poço da Moita não voltou
- 74 senão no dia seguinte, o sol bem alto, apenas
- 75 trazendo a presa mandatária, que o cúmplice
- 76 Secundino tinha desaparecido. Ficou lá,
- 77 todavia, cocando, uma escolta disfarçada.
- 78 Guida vinha na marreca. A um lado e outro

79 os soldados e paisanos da escolta, estes
80 armados de garrucha e faca, uns montados e
81 outros a pé. Apesar da indignação e assombro
82 públicos, temiam as autoridades que no
83 caminho lhes viessem tomar a presa.
84 Guida entrou sobranceira pela rua Grande,
85 o cavalo numa estrada alta. A chapelina um
86 tanto para trás, deixando a testa quase no sol.
87 A saia de montaria, de bretanha, arfava ao
88 vento, produzindo uma irritação estranha
89 aquele pano branco na alma enlutada da
90 população. Guida olhava a turba com
91 admiração, que ao povo parecia petulância e,
92 por vê-la açoitar o cavalo, diziam que ela
93 acenava com o chicote para ele...
94 De repente, por uma terrível associação de
95 ideias, uma voz exclama:
96 — Olha a Naiú! Olha a Naiú! Lá vai a Naiú!
97 Outro repete: Olha o Naiú! Mais outro, e o
98 nome do assassino deles batia como uma
99 chuva nos ouvidos da ilustre herdeira dos
100 Reginaldos.
101 O vigário e o Juiz de Direito assistiram-lhe
102 ao apear, à porta da prisão, para evitar algum
103 desacato à pobre senhora.
104 Guida, com ar desconfiado, sorria para
105 eles, velhos comensais dos bons tempos:
106 — Deixe, doutor. Deixe, seu vigário. Este
107 bom povo hospitaleiro da minha terra!
108 O vigário, retirando-se com o magistrado,
109 ia dizendo pelo caminho:
110 — Vê, meu amigo? Viu como surdiu aquele
111 baixo qualificativo? Como essa canalha
112 chamava Naiú aquela que para eles era mais
113 do que, para nós outros, a mulher do Pedro II?
114 — É simples, redarguia o juiz. O crime
115 nivela, como a virtude.
116 O nobre órgão da Justiça, na promoção,
117 argumentou com a impassibilidade da ré ante
118 o assassinato de seu marido, ao passo que
119 derramou abundantes lágrimas e fez
120 lamentações — descrevia ele, por causa da
121 grande crueldade de prenderem ao Secundino.
122 Era verdade. A Guida supunha o Secundino
123 longe, longe, afastando-se daquela terra
124 ingrata, como as pombas avoantes, do modo
125 por que das grades da prisão, ela as via lá se
126 irem, a fazer apenas uma trêmula
127 manchinha escura no céu alto.

Manuel de Oliveira Paiva. *Dona Guidinha do Poço*.
p. 125-126. Texto adaptado.

13. A personagem Margarida é referida por várias palavras ou expressões. Observe o que se diz sobre esses elementos referenciais e assinale com **V** o que for verdadeiro e com **F** o que for falso.

- () A expressão "*a presa mandatária*", a primeira a aparecer no texto (linha 75), antecipa a aparição de Guida como a assassina e indica uma posição tendenciosa do enunciador.

- () O antropônimo "*Guida*" (linha 78), que já havia substituído a expressão "*a presa mandatária*", é substituído pela expressão "*a presa*" (linha 83), o que reforça a estratégia de apresentar Guida, de antemão, como uma criminosa.
- () No texto, a palavra "*presa*" pode assumir também o sentido de "*coisa ou pessoa que alguém ou algo subjuga; coisa ou pessoa de que(m) alguém ou algo se apodera*".
- () "*Presa*" vem substituída por "*Naiú*" (linha 96), o nome do assassino real. Isso iguala Guida àquele que, por uma ordem sua, apunhalou o Major.
- () Na linha 103, o vocábulo "*Naiú*" foi substituído pela expressão "*(a) a pobre senhora*". Essa substituição pode ser entendida ou como uma expressão da compaixão de um homem da Igreja ou como uma expressão de ironia do enunciador.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, V, V, F, F.
B) F, V, F, V, F.
C) V, V, V, V, V.
D) F, F, F, F, V.

14. O substantivo "*diligência*" (linha 73) foi empregado, no texto, com o significado de

- A) corpo de tropa encarregado de executar um serviço especial.
B) busca minuciosa, pesquisa, investigação.
C) serviço urgente e extraordinário, executado fora do quartel.
D) carruagem de tração animal, para transportar gente ou carga.

15. Assinale a única expressão que é indubitavelmente irônica.

- A) "Ficou lá, todavia, cocando, uma escolta disfarçada." (linhas 76-77)
B) "Guida olhava a turba com admiração" (linhas 90-91)
C) "Guida supunha Secundino longe, longe" (linhas 122-123)
D) "Este bom povo hospitaleiro da minha terra!" (linhas 106-107)

16. A partir da leitura dos dois textos, escreva **R** para o que for real e **F** para o que for ficcional.

- () A velha Lessa
- () O Poço da Moita
- () O Major Joaquim Damião de Barros
- () Domingos Víctor de Abreu e Vasconcelos
- () Corumbé
- () Guida
- () Senhorinho Antônio Pereira da Costa
- () Naiú
- () Secundino

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) R, F, F, F, R, F, R, F, R.
- B) F, R, R, F, F, R, F, R, F.
- C) F, F, R, R, F, R, R, R, R.
- D) R, F, F, R, R, F, R, F, F.

17. Reflita sobre o excerto transcrito: "*A saia de montaria, de bretanha, arfava ao vento, produzindo uma irritação estranha aquele pano branco na alma enlutada da população. Guida olhava a turba com admiração, que ao povo parecia petulância e, por vê-la açoitar o cavalo, diziam que ela acenava com o chicote para ele...*" (linhas 87-93).

- I. O período transcrito poderia ter a seguinte estrutura: *A saia de montaria, de bretanha, arfava ao vento, produzindo aquele pano branco uma irritação estranha na alma enlutada da população.*
- II. O verbo dizer, no plural, "*diziam*", concorda ideologicamente com "*povo*", isto é, concorda com a ideia de plural dessa palavra, não com a sua forma.
- III. A oração "*por vê-la açoitar o cavalo*" tem o valor semântico de condição.

Está correto o que se diz somente em

- A) II e III.
- B) I e II.
- C) I e III.
- D) II.

18. Observe o que se diz sobre os dois parágrafos transcritos aqui e escreva **V** para o que for verdadeiro e **F** para o que for falso.

"O nobre órgão da Justiça, na promoção, argumentou com a impassibilidade da ré ante o assassinato de seu marido, ao passo que derramou abundantes lágrimas e fez lamentações — descrevia ele, por causa da grande crueldade de prenderem ao Secundino." (116-121)

"Era verdade. A Guida supunha o Secundino longe, longe, afastando-se daquela terra ingrata, como as pombas avoantes, do modo por que das grades da prisão, ela as via lá se irem, a fazer apenas uma trêmula manchazinha escura no céu alto." (linhas 122-127)

- () A afirmação de que Guida ficou impassível diante da morte do marido e chorou por causa da possível prisão de Secundino pode ser lida de duas maneiras: como um fato verdadeiro ou como uma amostra da parcialidade do promotor.
- () A expressão "Era verdade", que inicia o parágrafo 2 do excerto transcrito, gera ambiguidade: pode ser interpretada como uma confirmação do que o promotor diz ou como uma confirmação do que Guida supõe a respeito da fuga de Secundino.
- () A analogia que Guida faz entre Secundino e as pombas avoantes expressa a rapidez da fuga do rapaz.
- () A comparação feita por Guida entre Secundino deixando "aquela terra ingrata" e as pombas avoantes tem como elemento de interseção a liberdade, que seria comum ao amante e aos pássaros.
- () Pela repetição do termo "longe" (longe, longe), obtém-se efeito superlativo com conotações afetivas.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, F, F, F, V.
- B) F, V, V, V, F.
- C) V, V, V, F, V.
- D) V, V, F, V, V.

19. O texto 1 finaliza com uma interrogação:
"Jamais quis tornar a Quixeramobim: orgulho ou remorso?" (linhas 70-72). Escreva **V** para o que for verdadeiro e **F** para o que for falso em relação ao enunciado transcrito.

- () O enunciador do texto 1 fala da personagem da ficção.
- () O enunciador do texto 2 fala de fatos ficcionais.
- () Se considerarmos o que o enunciador do texto 2 fala da personagem de ficção, podemos, pela leitura desse texto 2, responder à interrogação dizendo que foi por orgulho.
- () A interrogação expressa que o enunciador tinha dúvida sobre o verdadeiro caráter da personagem D. Guidinha.
- () A interrogação é um recurso de estilo que provoca uma maior interação entre enunciador e enunciatário.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, F, F, F, V.
- B) F, V, V, F, V.
- C) F, V, V, V, F.
- D) V, F, V, F, V.

20. "O crime nivela, como a virtude." (linhas 114-115) Essa frase axiomática significa que

- A) o crime, qualquer que seja ele, encontra-se no mesmo nível da virtude, qualquer que seja ela.
- B) o crime, não importa o tipo, atrai as pessoas tanto quanto a virtude, seja ela qual for.
- C) os criminosos, de qualquer nível, são tão dedicados ao crime quanto os virtuosos são dedicados à virtude.
- D) todos os criminosos, não importa o crime cometido, se igualam. O mesmo acontece com os virtuosos.